

APRENDER SEMPRE

5º ANO
ENSINO FUNDAMENTAL

LÍNGUA PORTUGUESA

ALUNO

Caro estudante,

Depois de alguns meses longe da escola, estamos voltando para as atividades presenciais e você finalmente poderá reencontrar seus colegas e professores.

Fizemos este material especialmente para apoiá-lo neste momento, para que você continue aprendendo. As atividades que estão aqui irão ajudá-lo a ampliar seus saberes para que você possa crescer e entender cada vez mais o mundo ao seu redor!

Desejamos a você ótimos estudos!

Governo do Estado de São Paulo

Governador
João Doria

Vice-Governador
Rodrigo Garcia

Secretário da Educação
Rossieli Soares da Silva

Secretário Executivo
Haroldo Corrêa Rocha

Chefe de Gabinete
Renilda Peres de Lima

Coordenador da Coordenadoria Pedagógica
Caetano Pansani Siqueira

Presidente da Fundação para o Desenvolvimento da Educação
Nourival Pantano Junior



Nome da Escola: _____

Nome do Estudante: _____

Data: ____/____/2020

Ano/Turma: _____

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1 - A PIADA NA SALA DE AULA

AULA 1

RIR E REFLETIR

O QUE VAMOS APRENDER ?

Nesta aula, vamos aprender o que é uma piada e registrar o que sabem sobre o assunto.

ATIVIDADE



1 Introdução ao gênero: Piada.

A Roda de Conversa:



Alguém sabe como se chama o texto que acabou de ser narrado?
Vocês sabem o que é uma piada?
Vocês costumam ouvir ou contar piadas?
Onde e quando?
De quem vocês ouvem ou para quem contam piada?
As piadas que vocês conhecem falam sobre o quê?
Em que situações esse gênero é mais empregado?
Será que podemos contar uma piada em qualquer situação de comunicação?
Qual foi a temática da piada que o/a professor/a contou?
O que costuma ser tema de uma piada?
Piada é um gênero interessante de ser estudado? Por quê?



2

Durante a roda de conversa, o seu/sua professor/a discutiu com a turma os conhecimentos que já possuíam sobre piadas. Utilize o quadro a seguir para anotar os seus conhecimentos.

O que você sabe sobre piada	
Perguntas	Respostas
O que é uma piada?	
Você costuma ouvir ou contar piadas?	
Onde e quando?	
De quem você ouve ou para quem conta piadas?	
As piadas que você conhece falam sobre o quê?	
Em que situações esse gênero é mais empregado?	
Será que podemos contar uma piada em qualquer situação de comunicação?	
Piada é um gênero interessante de ser estudado? Por quê?	



AULAS 2 E 3

CONTAR E ENCANTAR**O QUE VAMOS APRENDER ?**

Nesta aula, vamos contar, ouvir piadas e aprender as características desse texto.

ATIVIDADE**1**

Agora é a sua vez de contar uma piada. Prepare-se: preocupe-se com a entonação e com o perfil das personagens. Leia várias vezes a piada. Vá até a frente da sala e conte a piada que você pesquisou.

2

Das piadas que seus colegas leram ou contaram em classe:

- a.** Qual foi a piada que você mais gostou? Por quê?

- b.** Qual foi a piada que você menos gostou? Por quê?



- c. Qual foi a piada que você considerou menos engraçada? Por quê?

Conhecendo mais sobre o gênero piada

As piadas são textos curtos, populares, de autoria desconhecida e apresentam enredo e linguagem simples e coloquial, com predomínio do discurso direto e final surpreendente, contada para provocar risos.

O objetivo é o de divertir, porém também pode criticar ou manter relações de poder e disseminar preconceitos, por meio de recursos como humor, ambiguidade, sarcasmo e ironia.

A temática é bastante variada, cotidiana ou polêmica, e a narração pode ser feita no tempo presente ou passado, contada oralmente ou escrita. Apresentam os componentes dos textos narrativos: enredo, narrador, personagem e passagem de tempo.

Circula em ambientes informais e descontraídos, onde há proximidade entre os participantes.

- 3 Grife no texto acima as principais características do gênero textual piada.





AULAS 4 E 5

VAMOS CONHECER ALGUMAS PIADAS?

O QUE VAMOS APRENDER ?

Nesta aula, vamos ler e interpretar algumas piadas. Vamos identificar a ideia central, inferir o sentido de palavras e observar a importância da pontuação para o entendimento da piada.

ATIVIDADE**1** Análise e interpretação.

O seu/sua professor/a lerá as três piadas abaixo. Acompanhe e preste bastante atenção na leitura!

Piada 1 - Coitado do gatinho

Luísa, brincando com Bola de neve, o gatinho de estimação, pergunta para a mãe:

- Mamãe, posso dar banho no Bola de neve?

E a mãe responde sem hesitar:

- Claro que pode, minha querida. Está tão calor.

Luísa leva o gatinho para tomar banho e inusitadamente percebe que uma tragédia aconteceu. Em prantos, diz à mãe:

- Mamãe... O Bola de neve morreu!

- Ué... Luísa! Será que o gatinho de neve não gostava de água? Perguntou a mãe.

Luísa esclareceu:

- Mamãe, não foi a água que matou o gatinho! Bola de neve morreu quando o torci!

Piada 2 - Dois irmãos ladrões e o delegado

Presos, acusados de vários roubos na redondeza do bairro do Bexiga, os irmãos Gilberto e Gildo são conduzidos à delegacia.

O delegado calmamente pergunta:

- Vocês são larápios?

Gildo olha desconfiado para Gilberto, mas resolve confessar:

- Semo sim. Senhô delegado. Meu irmão e eu semo larápio, porque não temo opção.

Ao que o delegado rapidamente corrige:

- Semo, não. Somos.

Gilberto e Gildo ficam surpresos. Gilberto fala:

- Dotô delegado. Nóis num sabia que o senhô também era. As aparências inganam heim...



Piada 3 - O filhinho da mamãe

Marcos adora andar de bicicleta. E sua mãe fica na frente da casa para observar. O garoto, muito arteiro, passa a primeira vez, com as mãos levantadas e diz:

- Mamãe, olha, estou sem os braços.

Na segunda vez que Marcos passa na frente da casa, com as pernas e braços levantados, ele grita:

- Mamãe, olha, estou sem os braços e sem as pernas.

Na terceira vez, o garoto passa e grita:

- Mamãe! Agora estou sem os braços, sem as pernas e sem os dentes.

Piadas populares
Versão de Luciana Leal

- a. Você gostou das piadas lidas por seu/sua professor/a? Escreva nas linhas abaixo o que mais chamou sua atenção nas piadas.

- b. Qual das três piadas você mais gostou? Por quê?



2

a. No dicionário, a palavra “estimação” tem muitos significados, mas no contexto da Piada 1, “Coitado do gatinho”, a palavra é sinônima de:

- Apreço e estima.
- Estimativa e apreço.
- Avaliação e querido.
- Querido e avaliação.

b. Vamos voltar ao texto? Por que você chegou a essa resposta? Explique tendo como base o texto.

c. A piada é engraçada porque:

- Bola de neve não gostava de água.
- Luísa torce o gato.
- Luísa é uma menina arteira.
- A mãe não poderia ter deixado a Luísa dar banho no gato.

Vamos socializar? Conte para seus colegas e seu/sua professor/a por que você chegou a essa interpretação.

Vamos lembrar o que estudamos sobre discurso direto e indireto?

O discurso direto consiste na transcrição exata da fala das personagens, sem participação do narrador. É uma forma de dar vida própria às personagens, fazendo o leitor ficar mais na história. No discurso direto são utilizados, geralmente, dois pontos e travessão. Exemplo:

A mãe, uma mulher de personalidade forte, vai logo tomar satisfação com a vizinha:

- Salete, o Joãozinho me contou que você bateu nele. Eu não autorizo ninguém a bater no meu filho. Está me entendendo?

O discurso indireto é caracterizado pela intervenção do narrador, ao utilizar as suas próprias palavras para reproduzir as falas das personagens. Exemplo:

A mãe, uma mulher de personalidade forte, vai logo tomar satisfação com a vizinha e lhe diz que Joãozinho contou que a vizinha bateu nele e que não autoriza ninguém a bater no seu filho. E pergunta se a vizinha lhe entendeu.



3 Sobre a Piada 2, “Dois irmãos ladrões e o delegado”, responda as perguntas abaixo:

a. Os sinais de pontuação utilizados para marcar os diálogos entre o delegado e os irmãos são:

- Aspas e dois pontos.
- Ponto e o travessão.
- Travessão e dois pontos.
- Exclamação e interrogação.

b. Por que você chegou a essa resposta? Explique tendo como base o texto.

c. Coletivamente, vamos reescrever a piada 2 eliminando a figura do narrador? Releia o texto com o seu/sua professor/a e siga as suas orientações.

d. Vamos voltar ao texto, coletivamente, e reescrever a piada 3 de outra maneira, transformando o discurso direto em discurso indireto.

**Para saber mais!**

O humor é um efeito de sentido utilizado pelo escritor para expressar sentidos além do previsível. Na piada, é muito comum a utilização de situações que pareçam cômicas ou surpreendentes para provocar o efeito de humor.

O humor consiste em ocorrer algo fora do esperado numa situação. Veja essa piada abaixo:

A verdadeira amizade

Maurício e Edson chegam bem atrasados na sala de aula. A professora, não gostando nada dessa situação, pergunta:

- Por que chegaram tão atrasados na escola?

Maurício responde:

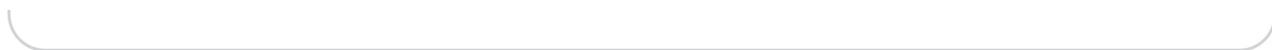
- Perdão, professora. Ontem sonhei que estava indo de avião para o Japão. Como a viagem é longa, perdi a hora.

E, você, Edson, por que chegou atrasado?

- Eu fui buscar o Maurício no aeroporto.

O humor está presente porque a situação é inesperada e cômica. E assim acontece com todas as piadas desse encarte. O humor está muito presente por meio de situações inesperadas que provocam o riso.

**ANOTAÇÕES**



AULAS 6 E 7

VAMOS LER MAIS PIADAS?

O QUE VAMOS APRENDER ?

Nesta aula, vamos ler e interpretar piadas. Vamos identificar a ideia central, inferir o sentido de palavras e observar a importância dos pronomes para estabelecer o sentido do texto.

ATIVIDADE**1**

O seu/sua professor/a lerá as três piadas abaixo. Acompanhe o texto e preste bastante atenção na leitura!

Piada 1: O roubo no cemitério

José e Joaquim roubam caqui em um cemitério. Ao derrubar os caquis, dois caíram para fora do muro do cemitério.

Antônio, um bêbado que passa ao lado do cemitério, ouve:

- Um para mim, um para você. Um para mim, um para você.

Preocupado, Antônio vai até a igreja chamar o Padre:

- Padre, no cemitério, Deus e o Diabo estão dividindo as almas. Venha comigo e irá ouvir com seus próprios ouvidos.

O padre resolve acompanhar Antônio até o cemitério e, assombrado, ouve a partilha dos dois amigos:

- Um para mim, outro para você. Este é meu, este é seu. Este é meu, este é seu.

O padre fica extremante preocupado e se apavora quando ouve:

- Agora que já dividimos todos aqui dentro, vamos dividir aqueles dois que estão lá fora?

- Ai meu Deus! Eles estão falando de nós.

Desesperados, padre e bêbado saem correndo.

Piada 2: A história do cavalo e da galinha

Na fazenda Boa Esperança, um cavalo adoece: torce a perna e não consegue andar. O dono chama o veterinário que o examina e diz:

- O cavalo não está muito bem. Se ele não levantar até amanhã, eu oriento que deve ser sacrificado.

A galinha ouve a conversa do dono com o veterinário vai correndo falar com o cavalo:

- Se você não se levantar até amanhã, irá morrer. Ouve aquele veterinário falando.

No outro dia o cavalo se levanta. Contento, seu dono comemora:

- Vamos matar a galinha para festejar.

**Piada 3: Flores para a mulher mais linda do mundo**

O marido chega bêbado e de madrugada em casa e diz:

- Mulher, abra a porta.
- Não abro. Você só pensa em cachaça e nos seus amigos. Veja a hora que está chegando em casa.
- Mulher, abra a porta, por favor.
- Não abro. Durma na rua para aprender.
- Mulher, abra a porta. Trouxe flores para a mulher mais linda do mundo.

A mulher, envaidecida com o gesto de carinho, acaba se convencendo:

- Ah, já que trouxe flores, eu abro.

Ele entra e vai direto para a cama. Ela pergunta:

- Onde estão as flores?

Ele responde:

- Onde está a mulher mais linda do mundo?

Piadas populares
Versão de Luciana Leal

- a.** Você gostou das piadas lidas por seu/sua professor/a? Escreva nas linhas abaixo o que mais chamou sua atenção nas piadas.

- b.** Qual das três piadas você mais gostou? Por quê?

2 Vamos lembrar o que estudamos sobre pronomes?

Os pronomes representam a classe de palavras que substituem ou acompanham os substantivos.

Os **pronomes pessoais** são aqueles que indicam a pessoa do discurso. Exemplos:

- O cavalo não está muito bem. Se **ele** não levantar até amanhã, **eu** oriento que deve ser sacrificado.
- Ah, já que trouxe flores, **eu** abro.
- Ai meu Deus! **Eles** estão falando de nós.

Ele entra e vai direto para a cama. **Ela** pergunta:

Os **pronomes possessivos** são aqueles que transmitem a ideia de posse. Exemplos:

"- Um para mim, outro para você. Este é **meu**, este é **seu**. Este é **meu**, este é **seu**."

"- Ai **meu** Deus! Eles estão falando de nós."

"No outro dia, o cavalo se levanta. Contente, **seu** dono comemora: [...]."

"- Não abro. Você só pensa em cachaça e nos **seus** amigos."

Os **pronomes demonstrativos** são utilizados para indicar a posição de algum elemento em relação à pessoa, seja no discurso, no tempo ou no espaço. Exemplos:

"- Um para mim, outro para você. **Este** é meu, **este** é seu. **este** é meu, **este** é seu."

"- Agora que já dividimos todos aqui dentro, vamos dividir **aqueles** dois que estão lá fora?"

"- Se você não se levantar até amanhã, irá morrer. Ouvei **aquele** veterinário falando."



- a. Explique o sentido que o pronome pessoal exerce em cada exemplo apresentado.

- b. Explique o sentido que o pronome possessivo exerce em cada exemplo apresentado.

- c. Explique o sentido que o pronome demonstrativo exerce em cada exemplo apresentado.

3

Sobre a Piada "A história do cavalo e da galinha", a palavra "sacrificado" pode ter o seu significado inferido pelo contexto? Por quê?

4 Explique com suas palavras o título da Piada “Flores para a mulher mais linda do mundo”.

5 Sobre a Piada “O roubo no cemitério”:

a. A palavra “partilha” pode ser substituída sem que haja nenhuma alteração de sentido por:

- Divisão.
- Conversa.
- Briga.
- Multiplicação.

b. Vamos voltar à piada e discutir o cômico. Por que podemos dizer que a piada é engraçada? Por que chegou a esse entendimento? Em que consiste a comicidade da piada?

- A trágica cena dos ladrões quererem a alma do padre e do bêbado.
- A conclusão da piada: padre e bêbado saem correndo.
- No fato de o padre achar que ele e o bêbado eram os dois aos quais os ladrões se referiam.
- No fato dos caquis terem caído fora do muro do cemitério.

6 Para casa!

Assista na Televisão ou internet algum programa de humor onde haja contação de piada. Selecione uma, a que mais gostou, para ser escrita na próxima aula. Se não conseguir assistir, peça para alguém da sua família contar piadas.





AULAS 8 E 9

VAMOS ESCREVER E REVISAR!**O QUE VAMOS APRENDER ?**

Nesta aula, vamos aprender a escrever e revisar uma piada.

ATIVIDADE

1 Coletivamente, discuta:

- a.** Contexto de produção.
- Onde a piada irá circular?
- Quem lerá?
- Qual a finalidade?

2 Agora é o momento de produzir uma piada!

Com a dupla estabelecida pelo seu/sua professor/a, discuta a piada que mais gostaram das que tiveram a oportunidade de ouvir ou assistir. Você conta para a sua dupla a que mais gostou, ela conta para você a que mais gostou e escolherão qual será escrita por vocês e o título que darão.

- a.** Registre aqui o título da piada que mais gostou:.

- b.** Registre aqui o título da piada que sua dupla mais gostou:

AULA 10

VARAL DE PIADA

O QUE VAMOS APRENDER ?

Nesta aula, vamos aprender a organizar a exposição das piadas produzidas.

ATIVIDADE



1 Organizando a exposição

Em duplas, cole o texto elaborado na última aula em papel cartão. Ilustrem com recortes de revistas ou com desenhos próprios.

2 Vamos montar um varal de piadas?

Dirija-se ao local indicado pelo/pela professor/a e afixe sua piada no varal de piadas, para que outros estudantes possam ler e se divertir com os trabalhos elaborados por vocês.

3 Roda de conversa.

Discuta com seus/suas colegas sobre a sequência desenvolvida. O que mais gostou? O que achou mais interessante? O que aprendeu?

Registre aqui o que achou sobre o trabalho que o/a professor/a realizou com piadas.

Olá, chegamos ao final desta primeira Sequência de piadas. Até a próxima, com o gênero poema!



LÍNGUA PORTUGUESA
SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 2



Nome da Escola: _____

Nome do Estudante: _____

Data: ____/____/2020

Ano/Turma: _____

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2 - VAMOS LER POEMAS E REALIZAR UM SARAU?"

AULA 1

OUVIR E LER POEMAS

O QUE VAMOS APRENDER ?

Nesta aula, vamos ouvir, ler poemas e registrar nossos conhecimentos sobre o que sabemos a respeito do assunto. Além disso, vamos aprender e discutir sobre o que é um sarau.

ATIVIDADE



1 Escolha um livro de poemas.

- a. O/a seu/sua professor/a selecionou vários livros de poemas. Escolha um livro e leia os poemas. Anote o título e o autor do livro escolhido e o poema de que mais gostou nas linhas abaixo.





2 Roda de leitura.

Alguém sabe onde livros como esses que leram são encontrados?

Qual foi critério de escolha do livro selecionado?

Quem é o autor?

Já conhecia esse autor, já leu livros dele antes?

Qual o poema de que mais gostou e por quê?

Você gosta de ler poemas?

O que é um poema?

Você sabe o que é um sarau?

Já participou de algum sarau? Conte.

Vamos fazer um sarau?

Para o nosso sarau, quem você sugere convidar?

3 Para casa!

Pesquise e responda: O que é um sarau?

Pesquise também um poema que mais lhe chame a atenção. Não se esqueça de anotar o poema e o autor.

Registre aqui a sua pesquisa.

AULA 2

SARAU, POEMAS E AUTORES

O QUE VAMOS APRENDER ?

Nesta aula, vamos compartilhar nossas pesquisas sobre sarau, poemas e autores.

ATIVIDADE



1

- a. Depois de ouvir a socialização da pesquisa realizada por seus amigos, anote aqui o que a sala pesquisou sobre o que é um sarau.

- b. Esse espaço é reservado para você escrever o nome dos poetas e dos poemas escolhidos por seus colegas.

AULAS 3 E 4

ESTUDANDO OS POETAS

O QUE VAMOS APRENDER ?

Nesta aula, vamos ouvir, ler e interpretar os poemas de Fernando Pessoa.

ATIVIDADE

**1** Iniciação ao estudo do poema.

Você já ouviu falar em Fernando Pessoa?

Já conhece esse autor?

O que espera ouvir em um poema intitulado "Poema"?

Poema

Ó sino de minha aldeia,
Dolente na tarde calma,
Cada tua badalada
Soa dentro de minha alma.

E é tão lento o teu soar,
Tão como triste da vida,
Que já a primeira pancada
Tem o som de repetida.

Por mais que tanjas perto,
Quando passo sempre errante,
És para mim como um sonho,
Soas-me na alma distante.

A cada pancada tua,
Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,
Sinto saudade de perto.

(PESSOA, Fernando. *Poesias*. 15. ed. Lisboa: Ática, 1995. p. 93.)



Você gostou do poema?

O que chamou atenção?

As suas antecipações foram comprovadas com a leitura?

Você se lembra o que é uma estrofe? Um verso? O eu lírico?

Para saber mais:

O verso e a estrofe são elementos do texto poético. Cada linha de um poema representa um verso, já a estrofe é o conjunto de versos.

O eu lírico ou sujeito poético é a voz que expressa a subjetividade do poeta ou a maneira pela qual o mundo exterior se converte em vivência interior.

Nem todo poema tem rima. Mas há sempre um trabalho com a linguagem: escolha das palavras, o ritmo, a repetição de consoantes e vogais. Quando a rima é usada, ela também contribui para o ritmo e a musicalidade da poesia.

2

Leitura colaborativa/compartilhada do poema "Havia um menino", de Fernando Pessoa.

Acompanhe a leitura.

Havia um menino

Havia um menino,
que tinha um chapéu
para pôr na cabeça
por causa do sol.

Em vez de um gatinho
tinha um caracol.
Tinha o caracol
dentro de um chapéu;
fazia-lhe cócegas
no alto da cabeça.

Por isso ele andava
depressa, depressa
p'ra ver se chegava
a casa e tirava
o tal caracol
do chapéu, saindo

de lá e caindo
o tal caracol.

Mas era, afinal,
impossível tal,
nem fazia mal
nem vê-lo, nem tê-lo:
porque o caracol
era do cabelo.

Fonte: PESSOA, Fernando. Revista Flama, Lisboa, 26 nov. 1965.

- a. De acordo com as três primeiras estrofes, o que ocorre com esse menino? No poema, pode-se notar que o eu lírico apresenta uma situação vivida por um menino? Expliquem como chegaram a esse entendimento.
- b. Ao final do poema o eu lírico quebra a expectativa revelando um fato novo. Que fato é esse? Como vocês chegaram a essa interpretação?
- c. O poema trabalha o lúdico e a relação entre imaginação e realidade? Por quê? Como vocês chegaram a esse entendimento?
- d. Por que podemos dizer que o caracol materializa o sentimento de insatisfação do menino? Expliquem como chegaram a essa compreensão.

Conhecendo Fernando Pessoa

Fernando Antônio Nogueira Pessoa nasceu no dia 13 de junho de 1888, em Lisboa, no Largo de São Carlos, onde passou parte da infância, até os cinco anos, quando o pai falece, precocemente, aos 43 anos.

A mãe de Fernando Pessoa se casa pela segunda vez com um cônsul que estava em Durban, África do Sul, como cônsul interino. Partiram para lá o futuro poeta e sua mãe. Foi em Durban que Fernando Pessoa cursou o primário e o secundário, já se revelando excepcional estudante, além de mostrar tendências para a literatura desde muito novo.

De volta a Portugal, em 1905, começa a cursar a Faculdade de Letras de Lisboa, mas acaba por abandoná-la, dedicando-se à correspondência comercial em línguas estrangeiras que ele tão bem dominava.

No ano de 1915, liderou o grupo Orpheu, marcando o início do Modernismo português.



Em 1934, ganha o segundo lugar de um concurso literário com sua obra Mensagem onde conta a história de Portugal, por meio de poemas, desde suas origens até a dominação espanhola, reunindo características épicas, líricas e místicas.

Em 28 de novembro de 1935 falece aquele que seria considerado tão importante como Camões na Literatura Portuguesa. O gênio Fernando Pessoa criou uma obra que sobreviveu à própria vida.

Obras publicadas em vida:

35 Sonnets (1918)

Antinous (1918)

English Poems, I, II e III (1921)

Mensagem (1934)

Algumas obras póstumas:

Poesias de Fernando Pessoa (1942)

A Nova Poesia Portuguesa (1944)

Poemas Dramáticos (1952)

Novas Poesias Inéditas (1973)

Poemas Ingleses Publicados por Fernando Pessoa (1974)

Cartas de Amor de Fernando Pessoa (1978)

Sobre Portugal (1979)

Textos de Crítica e de Intervenção (1980)

Obra Poética de Fernando Pessoa (1986)

Primeiro Fausto (1986)

Fernando Pessoa criou os heterônimos, que são personalidades criadas por ele próprio e que assinam cada qual as suas obras. Esses escritores têm biografia e estilo particular. Os heterônimos mais importantes são: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

A Criança que Pensa em Fadas

A CRIANÇA que pensa em fadas e acredita nas fadas

Age como um deus doente, mas como um deus.

Porque embora afirme que existe o que não existe

Sabe como é que as cousas existem, que é existindo,

Sabe que existir existe e não se explica,

Sabe que não há razão nenhuma para nada existir,

Sabe que ser é estar em algum ponto

Só não sabe que o pensamento não é um ponto qualquer.

Alberto Caeiro, in "Poemas Inconjuntos"

Heterônimo de Fernando Pessoa

“Poemas Inconjuntos”. Poemas Completos de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa. Recolha, transcrição e notas de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Presença, 1994. p. 137.

Alberto Caeiro (heterônimo) nasceu em Lisboa, a 16 de abril de 1889, e morreu em 1915, na mesma cidade, tuberculoso. Órfão de pai e mãe, viveu com uma tia, no campo. Só teve instrução primária e, por isso mesmo, escrevia mal o português. Esse heterônimo é considerado como o mestre dos demais. Poeta equilibrado, é motivado principalmente pela fruição direta da natureza na aceitação calma e tranquila daquilo que é, daquilo que se vê. Seu estilo é simples, de vocabulário redundante e linguagem discursiva.

3 Leitura colaborativa/compartilhada

Veja que divertida essa primeira estrofe do “Poema para Lili”, de Fernando Pessoa:

Pia, pia, pia
 Pia, pia, pia
 O mocho,
 Que pertencia
 A um coxo.
 Zangou-se o coxo
 Um dia,
 E meteu o mocho
 Na pia, pia, pia. . .

(PESSOA, Fernando. *Quadras ao Gosto Popular*. 6. ed. Lisboa: Ática, 1973. p. 118.)

- a. Vocês gostaram desse poema? O que mais lhes chamou atenção? Por quê?
- b. Há um jogo com a linguagem que deixa o poema engraçado. Vocês conseguem reconhecê-lo? Por que será que o autor diz “pia pia pia” por três vezes e em dois versos do poema? Tem o mesmo sentido? Expliquem como chegaram a esse entendimento?
- c. Existem palavras no poema que vocês não conhecem? Tentem entendê-las de acordo com o contexto e com a ajuda do/a seu/sua professor/a.
 O que é mocho? E coxo? Já ouviram falar nessas palavras?
 Como vocês chegaram a essa compreensão?



4 E agora o último poema de Fernando Pessoa.

Saudades

Saudades, só portugueses
Conseguem senti-las bem
Porque têm essa palavra
Para dizer que as têm.

- a. Por que no poema Fernando Pessoa se refere aos portugueses? Qual a nacionalidade de Fernando Pessoa? Que idioma se fala em Portugal?
- b. Por que só os portugueses podem sentir bem a palavra saudade? O que entendeu desse poema?
- c. Você gostou de estudar esse poeta? Por quê?



ANOTAÇÕES





AULA 5

VAMOS SELECIONAR POEMAS E AUTORES PARA O SARAU?

O QUE VAMOS APRENDER ?

Vamos selecionar poemas e autores para o sarau.

ATIVIDADE



1 Vamos retomar a situação comunicativa da nossa atividade, lembrando:

a. Quem vai participar do sarau:

b. Em que dia será o evento:

c. Como faremos o convite?

2 Escolha de poetas e poemas.

a. Agora que seu/sua professor/a apresentou poemas e poetas, registre abaixo o nome do/a poeta que seu grupo escolheu e o critério de escolha.



- b. Registre aqui os títulos dos poemas escolhidos pelo seu grupo para serem apresentados no sarau.

3 Para casa!

Pesquise sobre o/a poeta escolhido/a

Pesquise a biografia do/a poeta escolhido/a pelo seu grupo e escreva um resumo da mesma (que poderá ser apresentada no sarau). Lembre-se de escolher aspectos da vida dele/a que possam interessar ao público, que façam sentido em relação aos poemas selecionados por vocês.



AULAS 6 E 7

POEMAS, POEMAS E MAIS POEMAS

O QUE VAMOS APRENDER ?

Nesta aula, vamos aprender que existem poemas que circulam em sites da internet e que há diferentes tipos de poemas, estudando melhor os poemas concretos.

ATIVIDADE



Conhecendo sobre ciberpoesia

A ciberpoesia trata da poesia visual encontrada na internet, em que a forma de apresentação do texto de um poema é organizada, segundo critérios relacionados aos aspectos gráficos e fonéticos das palavras com integração do verbal, do visual e do sonoro.

A ciberpoesia trata do desvelamento de poemas visuais. Um estilo moderno, que possibilita o contato com a provisoriedade do sentido artístico do poema.

Um exemplo bem interessante de ciberpoesia: Sérgio Capparelli e os Ciber Poemas
Disponível em: www.ciberpoesia.com.br Acesso: em 12 jun. 2020.

Neste site, organizado por Ana Cláudia Gruszynski e Sérgio Capparelli, você poderá ler, interagir e fazer seu próprio poema e ter contato com a poesia visual, além de conhecer outros sites e ideias de ciberpoesia.

1 Poesia e ciber

Agora é com você! Pesquise os poemas infantis em ciber.

- a. Quais são as temáticas utilizadas pelos autores em ciberpoemas que você encontrou?



- b.** O que mais chamou sua atenção? A linguagem, os aspectos gráficos, o tema?

2 Poema concreto

- a.** Agora, vamos pesquisar poemas concretos para crianças.
O que achou desse tipo de poema? É interessante? Por quê?

- b.** Você tinha conhecimento desse tipo de poema?

- c.** Escolha um poema para compor o painel ilustrativo que decorará o sarau. Registre aqui a sua escolha. Se não for possível imprimir, grave no pen-drive da professora.

3 Poeta e biografia.

- a. Escolha uma foto, uma pequena biografia e alguns poemas escritos pelo poeta que o seu grupo escolheu para imprimir, estudar e compartilhar no sarau. Ou copie e ilustre os poemas copiados.
- b. Junto com seu/sua professor/a, afixe os textos impressos em forma de painel no local onde será realizado o sarau.

AULA 8

PREPARAR PARA LER NO SARAU

O QUE VAMOS APRENDER ?

Nesta aula, vamos aprender como se lê um poema e a apresentá-lo no sarau.

ATIVIDADE



1 Sobre a preparação para o sarau:

- a. Qual poema será lido e por quem?

- b. Qual poema será declamado e por quem?



- c. Foi escolhido algum poema para ser lido ou declamado em dupla? Qual e por quem?

- d. Quais poemas serão apresentados em forma de jogral por todos do grupo?

Agora chegou o momento de ensaiar. Aproveite o seu tempo.

AULA 9

PREPARANDO O SARAU

O QUE VAMOS APRENDER ?

Nesta aula, vamos aprender a organizar o sarau.

ATIVIDADE



1

- a. Quem apresentará a biografia do autor?
- b. Quem será apresentador ou mestre de cerimônia?
- c. Como faremos o painel?
- d. Como receberemos o público?

AULA 10

APRESENTAÇÃO DO SARAU

O QUE VAMOS APRENDER ?

Nesta aula, vamos apresentar o sarau.

ATIVIDADE

**1** Apresentação do sarau

Em grupos, realize a apresentação do autor e dos poemas escolhidos.

2 Roda de conversa: avaliação e autoavaliação.

O que achou sobre o trabalho que o professor realizou com poemas?

Gostaram de estudar o gênero poema? Por quê?

E os autores e poemas estudados? O que foi mais interessante?

Foi importante organizar o sarau?

O que aprenderam?

Olá, chegamos ao final dessa sequência de poemas. Até a próxima, com o gênero cartum!



LÍNGUA PORTUGUESA
SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 3

Nome da Escola: _____

Nome do Estudante: _____

Data: ____/____/2020

Ano/Turma: _____

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

O CARTUM NA SALA DE AULA

AULA 1

RIR E REFLETIR

O QUE VAMOS APRENDER ?

Nesta aula, vamos aprender o que é cartum e registrar o que sabemos sobre o assunto.

ATIVIDADE

1 Introdução ao gênero: CARTUM.



Alguém sabe como se chama esse texto que o/a professor/a está expondo?
 Vocês sabem o que é um cartum?
 Vocês costumam ler cartuns?
 Onde e quando?
 Os cartuns que vocês leem falam sobre o quê?
 Em que situações esse gênero circula?
 Que linguagem é utilizada: verbal, não verbal, mista?
 Há humor, ironia ou crítica nos exemplos apresentados?
 Cartum é um gênero interessante de ser estudado? Por quê?

Fonte: Gregoriosim



2 Registro da discussão que aconteceu coletivamente:

O que você sabe sobre cartum?	
Perguntas	Respostas
O que é um cartum?	
Você costuma ler cartuns?	
Onde e quando?	
Os cartuns que você lê falam sobre o quê?	
Em que situações esse gênero circula?	
Que linguagem é utilizada: verbal, não verbal, mista?	
Há humor ou ironia nos exemplos apresentados?	
Cartum é um gênero interessante de ser estudado? Por quê?	



Para saber mais!

A **linguagem verbal** é aquela expressa por meio de palavras escritas ou faladas, ou seja, a linguagem verbalizada, enquanto a **linguagem não verbal** utiliza signos visuais como imagens e cores para ser efetivada.

2 Para casa!

Pesquise um cartum e traga-o na aula seguinte. A pesquisa pode ser realizada na internet, televisão ou em jornais e revistas, e você deve indicar a fonte.

Registre aqui a sua pesquisa. Pode colar, desenhar ou descrever.



AULAS 2 E 3

VAMOS CONHECER O MUNDO FANTÁSTICO DO CARTUM E DA CHARGE?

O QUE VAMOS APRENDER ?

Nesta aula, vamos aprender a diferença entre cartum e charge e estudar as características desses textos.

ATIVIDADE



1 Agora é a sua vez de contar para a turma o que descobriu com a pesquisa sobre cartum.

2 Dos cartuns que seus colegas sugeriram para leitura,

a. Qual foi o que você mais gostou? Por quê?

b. Qual foi o que você menos gostou? Por quê?



**3** Cartum e charge

Responda às questões:

- a. Agora você vai conhecer outro gênero, a charge, e o comparará com o cartum. Observe o material apresentado pelo/a professor/a e discuta com sua turma as características dos gêneros, completando o quadro:

Cartum	Charge

- b. Qual a diferença entre cartum e charge?

AULAS 4 E 5

LENDO E INTERPRETANDO CARTUM E CHARGE

O QUE VAMOS APRENDER ?

Nesta aula, vamos ler e interpretar dois textos de gêneros muito semelhantes: cartum e charge. Vamos identificar as semelhanças e diferenças, a ideia central e inferir o sentido de palavras e imagens.

ATIVIDADE



1 Leia o cartum atentamente:



Responda às questões:

- a. Qual o tema abordado? Observe o cartum. O que é possível perceber em relação ao tema que ele quer discutir/fazer a gente pensar? Quem são as personagens? O que estão fazendo? Como você chegou a essa conclusão?



- b.** Observe se existem elementos verbais e não verbais. Aponte quais são.

- c.** Qual é o sentido que o autor quis dar ao inserir o casal de frente para a Lua? Por que pensou isso? Explique.

- d.** Podemos dizer que o cartum é um texto crítico-humorístico? Em caso afirmativo, quais recursos foram utilizados para produzir o humor? Há uma crítica à sensibilidade do homem e da mulher? Como você chegou a essa interpretação?



- e. Tendo o/a professor/a como escriba, crie coletivamente um texto estrutural (resumo, descrição da cena) relatando a situação encontrada no cartum.

- f. A partir do cartum, crie coletivamente, tendo o/a professor/a como escriba, um pequeno texto narrativo, imaginando o diálogo entre as personagens (atenção à pontuação e à presença do discurso direto).



Para saber mais!

O **cartum** é um desenho que se vale de imagens atemporais e humor para expressar uma crítica, podendo ou não ser acompanhado de legenda. É um gênero de cunho crítico e satírico. Conhecido também como uma piada gráfica, associa a linguagem verbal à não verbal. Sua finalidade é promover a reflexão sobre grandes temas sociais, sobre os costumes humanos, retratados por pessoas comuns, e situações atemporais e universais. Esse gênero mantém o seu espaço na imprensa atual, na internet e na televisão.

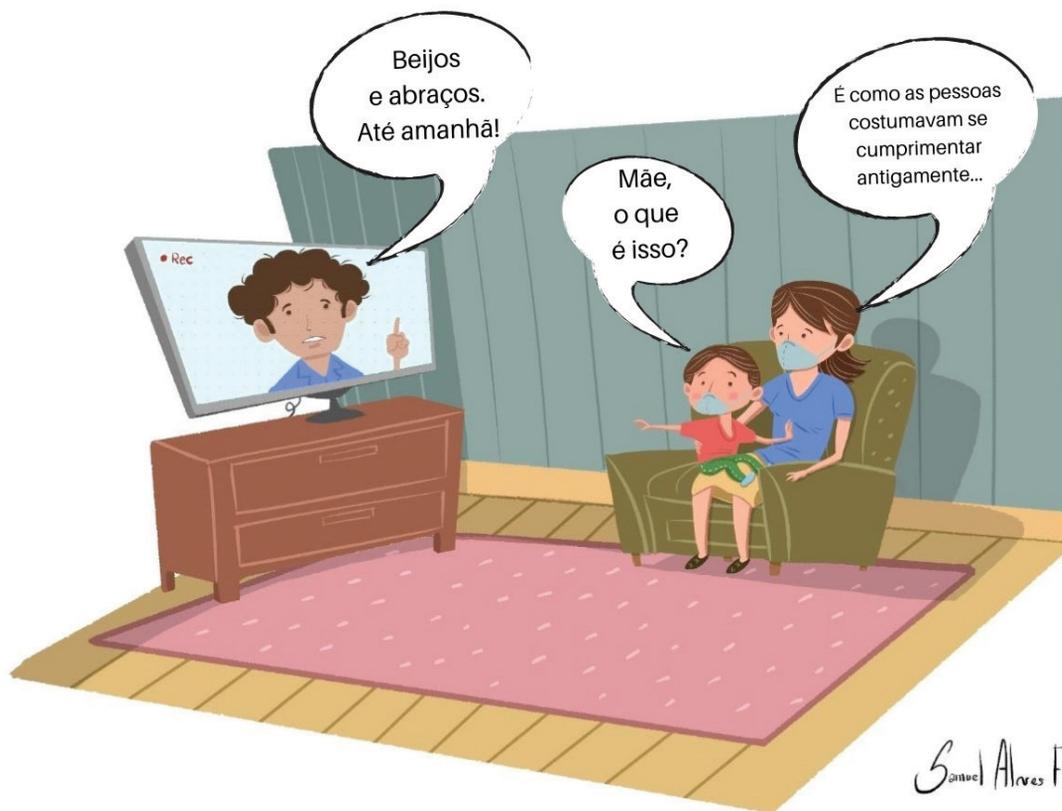


Curiosidade!

A palavra cartum surgiu de um fato ocorrido em 1841, em Londres. Com o objetivo de decorar o Palácio de Westminster, o príncipe Albert organizou um concurso de desenhos feitos em grandes cartões, que em inglês são chamados de cartoons. Uma vez prontos, eles seriam afixados na parede e expostos ao público. No entanto, com o intuito de satirizar as criações concebidas como oficiais, a revista inglesa Punch, considerada a primeira a trabalhar nesse ramo humorístico, criou seus próprios cartoons.



2 Leia a charge atentamente:



a. Qual a diferença entre este texto e o anterior, especialmente em relação à atualidade do tema?



- b.** Observe a charge e anote suas ideias sobre o tema e a mensagem que ela quer passar para discutir com seus colegas e professor/a.

- c.** Observe se na charge existem elementos verbais e não verbais e anote em seu caderno quais são eles.

- d.** Analise se a charge contém elementos que conferem humor ao texto.





- e. Vamos voltar ao texto da charge e analisar a pontuação. Discuta com seu/sua professor/a e colegas a função do ponto de exclamação, do ponto de interrogação e das reticências na charge. Beijos e abraços. Até amanhã!
Mãe, o que é isso?
É como as pessoas costumavam se cumprimentar antigamente...



Para saber mais!

A **charge** realiza uma sátira de temas atuais, geralmente relacionados a um fato **noticiado** na semana, e tem o objetivo de expressar revolta e aborrecimento com a situação contemporânea. Muitas vezes a charge utiliza a caricatura (desenho definido pelos excessos, formas e traços deformados que representam uma pessoa ou situação de forma cômica) para delinear as personagens envolvidas. A charge relata um fato ocorrido em um período definido, dentro de determinado contexto cultural, econômico e social, e depende do conhecimento desses fatores para ser entendida. As charges aparecem em livros, jornais, revistas e na internet.



Para saber mais!

Cartum e charge

O **cartum** e a **charge** fazem uso da caricatura, no entanto, diferentemente da charge, o cartum não retrata personagens conhecidas e não tem como objetivo satirizar uma situação atual; apenas faz graça com uma situação cotidiana. É o gênero que se aproxima da piada.

AULAS 6 E 7

VAMOS LER E INTERPRETAR CARTUNS?

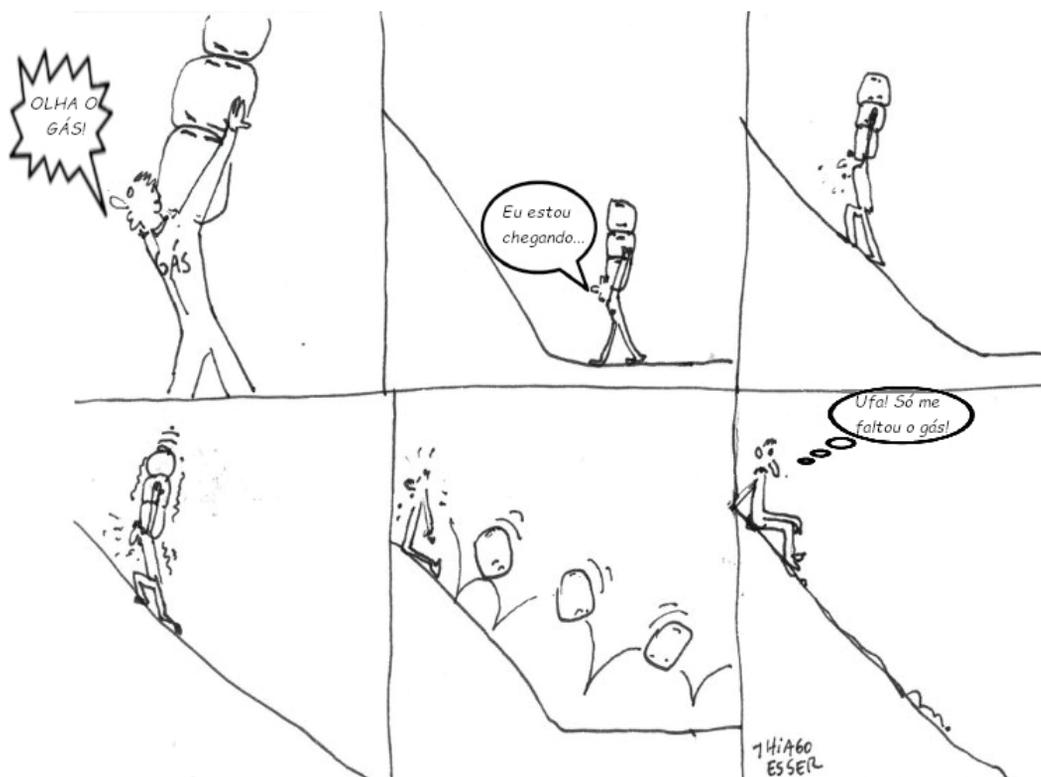
O QUE VAMOS APRENDER ?

Nesta aula, vamos ler e interpretar dois cartuns. Vamos identificar a ideia central, inferir o sentido de palavras e observar a importância dos pronomes para estabelecer o sentido do texto.

ATIVIDADE



- 1 Leia atentamente o cartum:



Fonte: Thiago Esser (adaptada por Luciana Ferreira Leal)

- a. Qual o tema abordado? Como você chegou a essa conclusão?



b. O texto apresenta alguma voz? Quem fala no texto?

c. Por meio de que recurso é mostrada a voz da personagem?

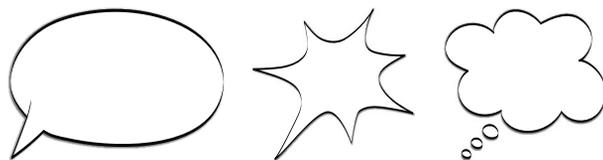
d. Quais os tipos de balões apresentados? Eles são uniformes? Qual o efeito de sentido criado pelas diferentes formas dos balões?



Para saber mais!

Um recurso utilizado para representar a fala das personagens em cartuns, charges, histórias em quadrinhos e tirinhas são os balões.

Nos balões estão representados a fala ou o pensamento da personagem. Pode haver diferenciação formal entre os balões. A diferença mais comum está nas indicações de fala, grito e pensamento, apresentadas respectivamente a seguir:



2 Responda às questões:

a. A interjeição "Ufa!", no cartum, significa:

() Espanto e cansaço.

() Surpresa e alívio.

() Medo e estímulo.

() Cansaço ou alívio.

b. Lembra-se que, na sequência sobre piadas, nós estudamos os pronomes? Assinale a alternativa que contém os dois pronomes encontrados no cartum, assim como a sua caracterização:

() Eu e me - pessoal.

() Estou e olha - possessivo.

() Eu e só - demonstrativo.

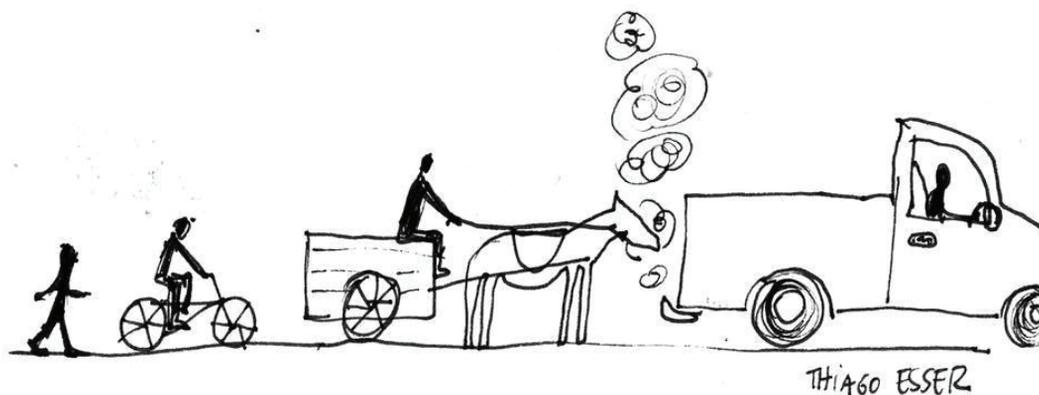
() Só e me - pessoal.

c. A palavra "gás" tem apenas um sentido nos dois balões? Justifique.



3 Leia atentamente o cartum:

A INVOLUÇÃO DA HUMANIDADE



Fonte: Thiago Esser

a. Descreva o cartum.

b. Analisando o texto não verbal, como você percebe a relação entre as personagens?

c. Há predomínio de imagem (linguagem não verbal) ou de palavras (linguagem verbal) nesse texto?



d. As personagens existem no mundo real ou são fictícias?

e. Há alguma crítica? Se sim, a quem ou a quê? Como o autor revela a crítica ao tema?.

f. Você sabe o que é involução? Pelo contexto, é possível inferir o significado?

g. O cartum chama a atenção para algum assunto abordado pela mídia e a sociedade? Podemos dizer que tem uma função social? Qual?

4 Para casa

Nas próximas aulas, a sala montará um painel sobre cartuns. Pesquise cartuns em sites, jornais ou revistas. Se possível, recorte ou imprima e traga-os para a sala.



**AULAS 8 E 9****VAMOS SELECIONAR CARTUNS PARA O NOSSO PAINEL?****O QUE VAMOS APRENDER ?**

Nesta aula, vamos selecionar cartuns para compor um painel.

ATIVIDADE

1 Com a sua dupla, selecione cartuns que comporão o painel de exposição do 5º ano. Siga as orientações do seu/sua professor/a.

a. Com a dupla estabelecida pelo/a professor/a, descreva aqui um dos cartuns escolhidos.

b. O que o cartum que você escolheu quer transmitir aos leitores? Há humor, ironia, crítica?

c. Apresente à turma um cartum selecionado por sua dupla, demonstrando a crítica realizada, bem como as características e os elementos constitutivos típicos desse gênero discursivo.

AULA 10**APRESENTAÇÃO E EXPOSIÇÃO DOS CARTUNS PRODUZIDOS****O QUE VAMOS APRENDER ?**

Nesta aula, vamos organizar a exposição dos cartuns selecionados.

ATIVIDADE**1** Vamos montar um painel de cartuns?

Dirija-se ao local escolhido e afixe os cartuns no painel para que outros estudantes possam ler, refletir e se divertir com os textos selecionados por você.

2 Roda de conversa

Registre aqui o que achou do trabalho com cartuns realizado pelo/a professor/a.

Olá, chegamos ao final desta terceira sequência de cartuns. Até a próxima, com o gênero conto, com exemplos de obras do Monteiro Lobato!

IMAGENS
pixabay.com

ILUSTRAÇÕES
freepik.com



LÍNGUA PORTUGUESA
SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 4



Nome da Escola: _____

Nome do Estudante: _____

Data: ____/____/2020

Ano/Turma: _____

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4 - O CONTO LOBATIANO

AULA 1

O CONTO DE MONTEIRO LOBATO

O QUE VAMOS APRENDER ?

Nesta aula, vamos aprender sobre o gênero conto e sobre o escritor Monteiro Lobato. Além disso, vamos registrar o que sabemos sobre o assunto.

ATIVIDADE



1 Introdução ao gênero: Conto



Alguém sabe como se chama esse texto que o/a professor/a leu?

Vocês sabem o que é um conto?

Vocês costumam ler contos?

Onde e quando?

Os contos que vocês leem falam sobre o quê? São de quais autores?

Vocês conhecem Monteiro Lobato? O que já leram? Conhecem alguma personagem que ele criou?

É interessante estudar o conto de Monteiro Lobato? Por quê?



2

Durante a roda de conversa, o/a seu/sua professor/a discutiu com a turma, os conhecimentos que já possuíam sobre o gênero conto e sobre o escritor Monteiro Lobato. Utilize o quadro a seguir para anotar os seus conhecimentos.

O que você sabe sobre conto	
Perguntas	Respostas
O que é um conto?	
Você costuma ler contos?	
Onde e quando?	
Os contos que você lê falam sobre o quê? E são de quais escritores?	
Você conhece Monteiro Lobato? O que já leu ou ouviu desse escritor? Conhece alguma personagem que ele criou?	
É interessante estudar o conto de Monteiro Lobato? Por quê?	

**AULAS 2 E 3****VAMOS CONHECER OS CONTOS DE LOBATO?****O QUE VAMOS APRENDER ?**

Nesta aula, vamos aprender os elementos constitutivos do conto e interpretar o conto "Um homem de consciência".

ATIVIDADE

- 1 Agora é a sua vez de contar sobre a pesquisa que realizou sobre Monteiro Lobato.

O conto:

Um conto é uma narração breve de eventos imaginários, que apresenta um grupo reduzido de personagens e que recorre a poucos recursos narrativos, de modo a desenvolver um argumento não muito complexo.

A estrutura do conto é fechada e objetiva, na medida em que esse tipo de texto é formado por apenas uma história e um conflito. Sua estrutura está dividida em:



De acordo com a estrutura básica narrativa (introdução, desenvolvimento, clímax e desfecho), o conto, por ser uma narrativa mais breve, parte do desenvolvimento para o clímax. Ou seja, para o momento final, de desfecho, chamado de "epílogo", onde geralmente surge o ponto mais alto de tensão do drama (clímax).

2

Este é o conto que o/a professor/a leu na aula anterior. Leia-o agora para responder às questões a seguir:

Um homem de consciência

Monteiro Lobato

Chamava-se João Teodoro, só. O mais pacato e modesto dos homens. Honestíssimo e lealíssimo, com um defeito apenas: não dar o mínimo valor a si próprio. Para João Teodoro, a coisa de menos importância no mundo era João Teodoro.

Nunca fora nada na vida, nem admitia a hipótese de vir a ser alguma coisa. E por muito tempo não quis nem sequer o que todos ali queriam: mudar-se para terra melhor.

Mas João Teodoro acompanhava com aperto do coração o desaparecimento visível de sua Itaoca.

“Isto já foi muito melhor”, dizia consigo. “Já teve três médicos bem bons - agora um é bem ruinzote. Já teve seis advogados e hoje mal dá serviço para um rábula ordinário como o Tenório. Nem circo de cavalinhos bate mais por aqui. A gente que presta se muda. Fica o restolho. Decididamente, a minha Itaoca está se acabando...”

João Teodoro entrou a incubar a ideia de também mudar-se, mas para isso necessitava dum fato qualquer que o convencesse de maneira absoluta de que Itaoca não tinha mesmo conserto ou arranjo possível.

“É isso”, deliberou lá por dentro. “Quando eu verificar que tudo está perdido, que Itaoca não vale mais nada de nada, então arrumo a trouxa e boto-me fora daqui”.

Um dia aconteceu a grande novidade: a nomeação de João Teodoro para delegado. Nosso homem recebeu a notícia como se fosse uma porretada no crânio. Delegado ele! Ele que não era nada, nunca fora nada, não queria ser nada, se julgava capaz de nada...

Ser delegado numa cidadezinha daquelas é coisa seríssima. Não há cargo mais importante. É o homem que prende os outros, que solta, que manda dar sovas, que vai à capital falar com o governo. Uma coisa colossal ser delegado - e estava ele, João Teodoro, de-le-ga-do de Itaoca!...

João Teodoro caiu em meditação profunda. Passou a noite em claro, pensando e arrumando as malas. Pela madrugada botou-as num burro, montou seu cavalo magro e partiu.

- Que é isso, João? Para onde se atira tão cedo, assim de armas e bagagens?
- Vou-me embora - respondeu o retirante. - Verifiquei que Itaoca chegou mesmo ao fim.
- Mas, como? Agora que você está delegado?
- Justamente por isso. Terra em que João Teodoro chega a delegado eu não moro. Adeus. E sumiu.





Atividade 1: Responda V (verdadeiro) ou F (falso):

- a.** De acordo com o texto:
- () João Teodoro era um homem importante em sua cidade.
 - () João Teodoro era um homem confiante em si mesmo.
 - () Itaoca está uma cidade decadente.
 - () Delegado em Itaoca é um cargo importante.
 - () João Teodoro saiu de Itaoca num horário em que todos poderiam vê-lo.
- b.** Em relação ao tipo de texto, o conto é predominantemente:
- () Narrativo.
 - () Descritivo.
 - () Argumentativo.
 - () Epistolar.
- c.** O que significa, no contexto, a expressão: “arrumo a trouxa”:
- () Arrumar a mala.
 - () Entrouxar o que se tem de pertences.
 - () Preparar-se para ir embora.
 - () Não se preocupar com o que os outros pensam.

Atividade 2

- a.** De acordo com o título e com a história, responda por que João Teodoro é “um homem de consciência”. Como você chegou a esse entendimento?



b. Como é caracterizada a cidade de Itaoca no texto?

c. Por que João Teodoro ainda não tinha se mudado?

d. Caracterize o protagonista. Como era João Teodoro?

Atividade 3: Demarque no texto as partes constitutivas do conto: introdução, desenvolvimento, clímax e desfecho.

Atividade 4: Volte ao conto e sublinhe as palavras ou expressões que marcam a passagem do tempo.

Para saber mais!

O conto "Um homem de consciência" foi publicado no livro *Cidades Mortas*. Os contos têm como espaço uma cidade do interior de São Paulo, no vale do Paraíba.

As personagens dos contos são típicos brasileiros, e os acontecimentos e situações que os envolvem são cômicos, com a intenção de fazer uma crítica sutil aos valores da sociedade e ao comportamento das pessoas. Monteiro Lobato foi um inovador da linguagem e criou muitos neologismos. O livro foi publicado em 1919 pela *Revista Brasil*.



Para saber mais!

Características dos contos

O conto é um texto ficcional, possui uma narrativa menos complexa que os romances. Geralmente os contos são conhecidos por terem uma extensão menor. A história só possui um clímax e são normalmente publicados em coletânea de contos.

As características do conto são:

- Enredo único: os contos não focam em um enredo que geralmente se desenrola em tramas secundárias. Frequentemente o enredo foca em uma única situação.
- Simplicidade: os contos não exigem uma complexa interpretação por parte do leitor.
- Curto espaço de tempo: as tramas não são muito longas e não se estendem por longos períodos. A história pode se desenrolar em algumas horas ou em um dia.
- Início próximo ao fim: comumente, os contos não investem seu tempo na introdução, explicando o ambiente e as personagens.
- Poucas personagens: os contos possuem poucas personagens.
- Final súbito: o final geralmente acontece logo após o clímax.
- Objetivo único: por não possuir histórias secundárias, o conto causa sentimento único no leitor (alegria, indignação, melancolia etc.) ou, simplesmente, conta uma história.
- Narrador personagem: o narrador que conta e participa da história.
- Narrador observador: o narrador que conta e observa a história.
- Narrador onisciente: o narrador que conta e sabe tudo sobre a história.
- Personagens principais: protagonista e antagonista.
- Personagens secundários: são personagens que não têm papel importante.
- Enredo: a história.
- Tempo: o tempo da história.
- Espaço: o espaço que aconteceu.
- Ação: são os acontecimentos.



ANOTAÇÕES

AULAS 4 E 5

VAMOS LER E INTERPRETAR O CONTO “O JARDINEIRO TIMÓTEO”?

O QUE VAMOS APRENDER ?

Nesta aula, vamos ler e interpretar um dos melhores contos de Monteiro Lobato. Vamos identificar a ideia central, inferir o sentido de palavras e observar a importância dos pronomes para estabelecer o sentido do texto.

ATIVIDADE



O jardineiro Timóteo

Monteiro Lobato

O casarão da fazenda era ao jeito das velhas moradias: - frente com varanda, uma ala e pátio interno. Neste ficava o jardim, também à moda antiga, cheio de plantas antigas cujas flores punham no ar um saudoso perfume d’antanho. Quarenta anos havia que lhe zelava dos canteiros o bom Timóteo, que o plantou quando a fazenda se abria e a casa ainda cheirava a reboco fresco e tintas de óleo recentes, e desde aí - lá se iam quarenta anos - ninguém mais teve licença de pôr a mão em “seu jardim”.

Verdadeiro poeta, o bom Timóteo.

Não desses que fazem versos, mas desses que sentem a poesia sutil das coisas.

Compusera, sem o saber, um maravilhoso poema onde cada plantinha era um verso que só ele conhecia, verso vivo, risonho ao reflorir anual da primavera, desmedrado e sofredor quando junho sibilava no ar os látigos do frio. O jardim tornara-se a memória viva da casa. Tudo nele correspondia a uma significação familiar de suave encanto, e assim foi desde o começo, ao riscarem-se os canteiros na terra virgem ainda recendente à escavação. O canteiro central consagrava-o Timóteo ao “Sinhô-velho”, tronco da estirpe e generoso amigo que lhe dera carta d’alforria muito antes da Lei Áurea. Nasceu faceiro e bonito, cercado de tijolos novos vindos do forno para ali ainda quentes, e embutidos no chão como rude cingulo de coral; hoje, semidesfeitos pela usura do tempo e tão tenros que a unha os penetra, esses tijolos enverdecem nos musgos da velhice.

Veludo de muro velho, é como chama Timóteo a esses musgos invasores, filha da sombra e da umidade. E é bem isso, porque o musgo foge sempre aos muros secos, vidrentos, esfogueados de sol, para estender devagarinho o seu veludo prenunciador de tapera sobre os muros alquebrados, de emboço já carcomido e todo aberto em fendas.

Bem no centro erguia-se um nodoso pé de jasmim-do-cabo, de galhos negros e copa dominante, ao qual o zeloso guardião nunca permitiu que outra planta sobreexcedesse em altura. Simbolizava o homem que o havia comprado por dois contos de réis, dum importador de escravos de Angola.

- Tenha paciência, minha negra! - conversa ele com as roseiras de setembro, teimosas em espichar para o céu brotos audazes. Tenha paciência, que aqui ninguém olha de cima para o Sinhô-velho.



E sua tesoura afiada punha abaixo, sem dó, todos os brotos temerários.

Cercando os jasmineiros havia uma coroa de periquitos, e outra menor de cravinas.

Mais nada.

– Ele era um homem simples, pouco amigo de complicações. Que fique ali sozinho com o periquito e as irmãs do cravo.

Dos outros canteiros dois eram em forma de coração.

– Este é o de Sinhazinha; e como ela um dia há de casar, fica a par dele o canteiro do Sinhô-moço.

O canteiro de Sinhazinha era de todos o mais alegre, dando bem a imagem de um coração de mulher rico de todas as flores do sentimento. Sempre risonho, tinha a propriedade de prender os olhos de quantos penetravam no jardim. Tal qual a moça, que desde menina se habituara a monopolizar os carinhos da família e a dedicação dos escravos, chegando esta a ponto de, ao sobrevir a Lei Áurea, nenhum ter ânimo de afastar-se da fazenda. Emancipação? Loucura! Quem, uma vez cativo de Sinhazinha, podia jamais romper as algemas da doce escravidão?

Assim ela na família, assim o seu canteiro entre os demais. Livro aberto, símbolo vivo, crônica vegetal, dizia pela boca das flores toda a sua vidinha de moça. O pé de flor-de-noiva, primeira “planta séria” ali brotada, marcou o dia em que foi pedida em casamento.

Até então só vicejavam neles flores alegres de criança: - esporinhas, bocas-de-leão, “borboletas”, ou flores amáveis da adolescência - amores-perfeitos, damas-entre-verdes, beijos-de-frade, escovinhas, miosótis.

Quando lhe nasceu, entre dores, o primeiro filho, plantou Timóteo os primeiros tufos de violeta.

– Começa a sofrer...

E no dia em que lhe morreu esse malogrado botãozinho de carne rósea, o jardineiro, em lágrimas, fincou na terra os primeiros goivos e as primeiras saudades. E fez ainda outras substituições: as alegres damas-entre-verdes cederam o lugar aos suspiros roxos, e a sempre-viva foi para o canto onde viçavam as ridentes bocas-de-leão.

Já o canteiro de Sinhô-moço revelava intenções simbólicas de energia. Cravos vermelhos em quantidade, roseiras fortes, ouriçadas de espinhos; palmas-de-santa-rita, de folhas laminadas; junquinhos nervosos.

E tudo mais assim.

Timóteo compunha os anais vivos da família, anotando nos canteiros, um por um, todos os fatos dalgumas significações. Depois, exagerando, fez do jardim um canhenho de notas, o verdadeiro diário da fazenda. Registrava tudo. Incidentes corriqueiros, pequenas rugas de cozinha, um lembrete azedo dos patrões, um namoro de mucama, um hóspede, uma geadá mais forte, um cavalo de estimações que morria - tudo memorava ele, com hieróglifos vegetais, em seu jardim maravilhoso.

A hospedagem de certa família do Rio - pai, mãe e três sapequíssimas filhas - lá ficou assinalada por cinco pés de ora-pro-nóbis. E a venda do pampa calçudo, o melhor cavalo das redondezas, teve a mudança de dono marcada pela poda de um galho do jasmineiro.

Além desta comemoração anedótica, o jardim consagrava uma planta a subalterno ou animal doméstico. Havia a roseira-chá da mucama de Sinhazinha; o sangue-de-adão do Tibúrcio; a rosa-maxixe da mulatinha Cesária, sirigaita enredeira, de cara fuxicada como essa flor. O Vinagre, o Meteoro, a Manjerona, a Tetéia, todos os cães que na fazenda nasceram e morreram, ali estavam lembrados pelo seu pezinho de flor, um resedá, um tufo de violetas, uma touça de perpétuas. O cão mais inteligente da casa, Otelo, morto hidrófobo, teve as honras duma sempre-viva rajada.

– Quem há de esquecer um bicho daqueles, que até parecia gente?

Também os gatos tinham memória. Lá estava a cinerária da gata branca morta nos dentes do Vinagre, e o pé de alecrim relembutivo do velho gato Romão.

Ninguém, a não ser Timóteo, colhia flores naquele jardim. Sinhazinha o tolerava desde o dia em que ele explicou:

– Não sabem, Sinhazinha! Vão lá e atrapalham tudo. Ninguém sabe apanhar flor...

Era verdade. Só Timóteo sabia escolhê-las com intenção e sempre de acordo com o destino. Se as queriam para florir a mesa em dia de anos da moça, Timóteo combinava os buquês como estrofes vivas. Colhia-as resmungando:

– Perpétua? Não. Você não vai pra mesa hoje. É festa alegre. Nem você, dona violetinha!... Rosa-maxixe? Ah! Ah!

E sua tesoura ia cortando os caules com ciência de mestre. Às vezes parava, a filosofar:

– Ninguém se lembra hoje do anjinho... Pra que, então, goivo nos vasos? Quietos fiquem aqui o senhor goivo, que não é flor de vida, é flor de cemitério...

E sua linguagem de flores? Suas ironias, nunca percebidas de ninguém? Seus louvores, de ninguém suspeitados? Quantas vezes não depôs na mesa, sobre um prato, um aviso a um hóspede, um lembrete à patroa, uma censura ao senhor, composto sob forma dum ramalhete? Ignorantes da língua do jardim, riam-se eles da maluquice do Timóteo, incapazes de lhe alcançar o fino das intenções.

Timóteo era feliz. Raras criaturas realizam na vida mais formoso delírio de poeta. Sem família, criara uma família de flores; pobre, vivia ao pé de um tesouro.

Era feliz, sim. Trabalhava por amor, conversando com a terra e as plantas – embora a copa e a cozinha implicassem com aquilo.

– Que tanto resmunga o Timóteo! Fica ali mamparreando horas, a cochichar, a rir, como se estivesse no meio duma criançada!...

É que na sua imaginação as flores se transfiguravam em seres vivos. Tinham cara, olhos, ouvidos... O jasmim-do-cabo, pois não é que lhe dava a benção todas as manhãs? Mal Timóteo aparecia, murmurando “A benção, Sinhô”, e já o velho, encarnado na planta, respondia com voz alegre: “Deus te abençoe, Timóteo”.

Contar isso aos outros? Nunca! “Está louco”, haviam de dizer. Mas bem que as plantinhas falavam...

– E como não hão de falar, se tudo é criatura de Deus, homessa!...

Também dialogava com elas.



– Contentinha, hein? Boa chuva a de ontem, não?

– ...

– Sim, lá isso é verdade. As chuvas miúdas são mais criadeiras, mas você bem sabe que não é tempo. E o grilo? Voltou? Voltou, sim, o ladrão... E aqui roeu mais esta folhinha... Mas deixe estar, que eu curo ele!

E punha-se a procurar o grilo. Achava-o.

– Seu malfeitor!... Quero ver se continua agora a judiar das minhas flores.

Matava-o, enterrava-o. “Vira esterco, diabinho!”

Pelo tempo da seca era um regalo ver Timóteo a chuvejar amorosamente sobre as flores com o seu velho regador.

– O sol seca a terra? Bobice!... Como se o Timóteo não estivesse aqui de chovedor na mão.

– Chega também, ué! Então quer sozinho um regador inteiro? Boa moda! Não vê que as esporinhas estão com a língua de fora?

– E esta boca-de-leão, ah! ah! está mesmo com uma boca de cachorro que correu veado! Tome lá, beba, beba!

– E você também, seu rosedá, tome lá seu banho pra depois, namorar aquela dona hortênsia, moça bonita do “zóio” azul...

E lá ia...

Plantas novas que abrolhavam o primeiro botão punham alvoroço de noivo no peito do poeta, que falava do acontecimento na copa provocando as risadinhas impertinentes da Cesária.

– Diabo do negro velho, cada vez caducando mais! Conversa com flor como se fosse gente.

Só a moça, com seu fino instinto de mulher, lhe compreendia as delicadezas do coração.

– Está aqui Sinhá, a primeira rainha margarida deste ano!

Ela fingia-se extasiada e punha a flor no corpete.

– Que beleza!

E Timóteo ria-se, feliz, feliz...

Certa vez falou-se na reforma do jardim.

– Precisamos mudar isto - lembrou-se o moço, de volta dum passeio a São Paulo. - Há tantas flores modernas, linda, enormes, e nós toda a vida com estas cinerárias, estas esporinhas, estas flores caipiras... Vi lá crisandálias magníficas, crisântemos deste tamanho e uma rosa nova, branca, tão grande que até parece flor artificial.

Quando soube da conversa, Timóteo sentiu gelo no coração. Foi agarrar-se com a moça.

Ele também conhecia essas flores de fora, vira crisântemos na casa do Coronel Barroso, e as tais dalias mestiças no peito duma faceira, no leilão do Espírito Santo.



– Mas aquilo nem é flor, Sinhá! Coisas da estranja que o Canhoto inventa para perder as criaturas de Deus. Eles lá que plantem. Nós aqui devemos zelar das plantas de família.

Aquela dália rajada, está vendo? É singela, não tem o crespo das dobradas; mas quem troca uma menina de sainha de chita cor-de-rosa por uma semostradeira da cidade, de muita seda no corpo, mas sem fé no coração? De manhã “fica assim” de abelhas e cuitelos em volta delas!... E eles sabem, eles não ignoram quem merece. Se as das cidades fossem mais de estimação, por que é que esses bichinhos de Deus ficam aqui e não vão pra lá? Não, Sinhá! É preciso tirar essa ideia da cabeça de Sinhô-moço. Ele é criança ainda, não sabe a vida. É preciso respeitar as coisas de dantes...

E o jardim ficou.

Mas um dia... Ah! Bem sentira-se Timóteo tomado de aversão pela família dos ora-pro-nóbis! Pressentimento puro... O ora-pro-nóbis pai voltou e esteve ali uma semana em conciliábulo com o moço. Ao fim deste tempo, explodiu como bomba a grande notícia: estava negociada a fazenda, devendo a escritura passar-se dentro de poucos dias.

Timóteo recebeu a nova como quem recebe uma sentença de morte. Na sua idade, tal mudança lhe equivalia a um fim de tudo. Correu a agarrar-se à moça, mas desta vez nada puderam contra as armas do dinheiro os seus pobres argumentos de poeta.

Vendeu-se a fazenda. E certa manhã viu Timóteo arrumarem-se no trole os antigos patrões, as mucamas, tudo o que constituía a alma do velho patrimônio.

– Adeus, Timóteo! – disseram alegremente os senhores-moços, acomodando-se no veículo.

– Adeus! Adeus!...

E lá partiu o trole, a galope... Dobrou a curva da estrada... Sumiu-se para sempre...

Pela primeira vez na vida Timóteo esqueceu de regar o jardim. Quedou-se plantando a um canto, a esmoer o dia inteiro o mesmo pensamento doloroso:

– Eles não têm coração...

Os novos proprietários eram gente da moda, amigos do luxo e das novidades. Entraram na casa com franzimentos de nariz para tudo.

– Velharias, velharias...

E tudo reformaram. Em vez da austera mobília de cabiúna, adotaram móveis pechisbeques, com veludinhos e friso. Determinaram o empapelamento das salas, a abertura de um hall, mil coisas esquisitas... Diante do jardim, abriram-se em gargalhadas.

– É incrível! Um jardim destes, cheirando a Tomé de Sousa, em pleno século das crisandálias!

E correram-no todo, a rir, como perfeitos malucos.

– Olhe, Ivete, as esporinhas! É inconcebível que inda haja esporinhas no mundo!

– E periquito, Odete! Pe-ri-qui-to!... – disse uma das moças, torcendo-se em gargalhadas.

Timóteo ouvia aquilo com mil mortes na alma. Não restava dúvida, era o fim de tudo, como pressentira: aqueles bugres da cidade arrasariam a casa, o jardim e o mais que lembrasse o tempo antigo. Queriam só o moderno.



E o jardim foi condenado. Mandariam vir o Ambrogi para traçar um plano novo, de acordo com a arte moderníssima dos jardins ingleses. Reformariam as flores todas, plantando as últimas criações da floricultura alemã. Ficou decidido assim.

– E para não perder tempo, enquanto o Ambrogi não chega ponho Timóteo a me arrasar isto - disse o homem.

– Timóteo, vem cá!

Timóteo aproximou-se com ar apatetado.

– Olha, ficas encarregado de limpar este mato e deixar a terra nuazinha. Quero fazer aqui um lindo jardim. Arrasa-me isto bem arrasadinho, entendes?

Timóteo, trêmulo, mal pôde engolar uma palavra:

– Eu?

– Sim, tu! Por que não?

O velho jardineiro, atarantado e fora de si, repetiu a pergunta:

– Eu? Eu, arrasar o jardim?

O fazendeiro encarou-o, espantado da sua audácia, sem nada compreender daquela resistência.

– Eu? Pois me acha com cara de criminoso?

E, não podendo mais conter-se, explodiu num assomo estupendo de cólera - o primeiro e o único de sua vida.

– Eu vou mas é embora daqui, morrer lá na porteira como um cachorro fiel. Mas, olhe, moço, que hei de rogar tanta praga que isto há de virar um tapera de lacraias! A geada há de torrar o café. A peste há de levar até as vacas de leite! Não há de ficar aqui nenhuma galinha, nem um pé de vassoura! E a família amaldiçoada, coberta de lepra, há de comer na gamela com os cachorros lazarentos!... Deixa estar, gente amaldiçoada!

Não se assassina assim uma coisa que dinheiro nenhum paga. Não se mata assim um pobre velho que tem dentro do peito uma coisa que lá na cidade ninguém sabe o que é. Deixa estar, caninana! Deixa estar!...

E fazendo com a mão espalmada o gesto fatídico, saiu às arreguas, repetindo cem vezes a mesma ameaça:

– Deixa estar! Deixa estar!

E longe, na porteira, ainda espalmava a mão para a fazenda, num gesto mudo:

– Deixa estar!

Anoitecia. Os curiangos andavam a espacejar silenciosamente voos de sombra pelas estradas desertas. O céu era todo um recamo fulgurante de estrelas. Os sapos coaxavam nos brejos e vagalumes silenciosos piscavam piques de luz no sombrio das capoeiras.

Tudo adormecera na terra, em breve pausa de vida para o ressurgir do dia seguinte.



Só não ressurgirá Timóteo. Lá agoniza ao pé da porteira. Lá morre. E lá encontrará a manhã enrijecido pelo relento, de borco na grama orvalhada, com a mão estendida para a fazenda num derradeiro gesto de ameaça:

– Deixa estar!...

LOBATO, Monteiro. O Jardineiro Timóteo. Negrinha (1920). Disponível em: <https://metavest.com.br/livros/negrinha-Monteiro-Lobato.pdf> p. 74-79. Acesso em: 19 jun. 2020. Com pequenas adaptações de Luciana Ferreira Leal.

1

a. Qual é o tema do conto “O jardineiro Timóteo”?

b. Somente os senhores são simbolizados no jardim em forma de planta ou flor?

c. O que Timóteo planta quando Sinhazinha é pedida em casamento? E quando se torna mãe?





- d. Caracterize a personagem Timóteo. Ele era feliz? Por que é caracterizado como um poeta?

2 Elementos da narrativa

- a. Escreva sobre o narrador desse conto. A história nos é contada em primeira ou terceira pessoa?

- b. Escreva sobre o espaço: onde a história dessa narrativa se passa?

- c. Escreva as personagens do conto estudado.



- d. Escreva sobre o clímax e desfecho desse conto.

3

- a. Nas frases abaixo, sublinhe o pronome demonstrativo:

“E sua tesoura afiada punha abaixo, sem dó, todos os rebentos temerários”.

“– Este é o de Sinhazinha; e como ela um dia há de casar, fica a par dele o canteiro do Sinhô-moço”.

“Era feliz, sim. Trabalhava por amor, conversando com a terra e as plantas – embora a copa e a cozinha implicassem com aquilo”.

“– E você também, seu rosedá, tome lá seu banho pra depois, namorar aquela dona hortênsia, moça bonita do “zóio” azul...”.

“– Precisamos mudar isto – lembrou-se o moço, de volta dum passeio a São Paulo. – Há tantas flores modernas, linda, enormes, e nós toda a vida com estas cinerárias, estas esporinhas, estas flores caipiras... Vi lá crisandálias magníficas, crisântemos deste tamanho e uma rosa nova, branca, tão grande que até parece flor artificial”.

- b. Os pronomes sublinhados abaixo são:

“– Tenha paciência, **minha** negra! – conversa ele com as roseiras de setembro, teimosas em espichar para o céu brotos audazes. Tenha paciência, que aqui ninguém olha de cima para o Sinhô-velho”.

“E **sua** tesoura afiada punha abaixo, sem dó, todos os rebentos temerários”.

“Pelo tempo da seca era um regalo ver Timóteo a choviscar amorosamente sobre as flores com o **seu** velho regador”.

() Possessivos

() Demonstrativos

() Pessoais





- c. Sublinhe, no parágrafo abaixo, os pronomes pessoais:

Aquela dália rajada, está vendo? É singela, não tem o crespo das dobradas; mas quem troca uma menina de sainha de chita cor-de-rosa por uma semostradeira da cidade, de muita seda no corpo, mas sem fé no coração? De manhã "fica assim" de abelhas e cuitelos em volta delas!... E eles sabem, eles não ignoram quem merece. Se as das cidades fossem mais de estimação, por que é que esses bichinhos de Deus ficam aqui e não vão pra lá? Não, Sinhá! É preciso tirar essa ideia da cabeça de Sinhô-moço. Ele é criança ainda, não sabe a vida. É preciso respeitar as coisas de dantes...

- d. Atenção às frases abaixo:

"Até então só vicejavam neles flores alegres de criança: – esporinhas, bocas-de-leão, "borboletas", ou flores amáveis da adolescência – amores-perfeitos, damas-entre-verdes, beijos-de-frade, escovinhas, **miosótis**".

"Veludo de muro velho, é como chama Timóteo a essa **muscínea** invasora, filha da sombra e da umidade".

As palavras sublinhadas, de acordo com o contexto, representam:

- 4 Nos trechos abaixo, grife de azul a fala do narrador e de vermelho a fala das personagens:

- a. [...] – Adeus, Timóteo! – disseram alegremente os senhores-moços, acomodando-se no veículo.
- b. [...] – E periquito, Odete! Pe-ri-qui-to!... – disse uma das moças, torcendo-se em gargalhadas.
- c. – Deixa estar! Deixa estar!
E longe, na porteira, ainda espalmava a mão para a fazenda, num gesto mudo:
– Deixa estar!

- 5 Assinale a alternativa correta no que diz respeito à concordância verbal:

- a. () Dos outros canteiros dois eram em forma de coração.
() Dos outros canteiros dois era em forma de coração.
() Dos outros canteiros dois se eram em forma de coração.



- b. Até então só vicejava neles flores alegres de criança.
 Até então só se vicejavam neles flores alegres de criança.
 Até então só vicejavam neles flores alegres de criança.

- c. Quando lhe nasceram, entre dores, o primeiro filho, plantou Timóteo os primeiros tufos de violeta.
 Quando lhe nasceu, entre dores, o primeiro filho, plantou Timóteo os primeiros tufos de violeta.
 Quando lhe nasceu, entre dores, o primeiro filho, plantaram Timóteo os primeiros tufos de violeta.

6 Que efeito de sentido provoca no texto o uso da pontuação expressiva da exclamação e das reticências?

 **ANOTAÇÕES**



**AULAS 6 E 7****PRODUÇÃO COLETIVA - REESCRITA DO CONTO "UM HOMEM DE CONSCIÊNCIA" DE MONTEIRO LOBATO – DITADO AO/À PROFESSOR/A.****O QUE VAMOS APRENDER ?**

Nesta aula, vamos aprender a realizar a primeira atividade para uma reescrita coletiva: listar os acontecimentos do conto "Um homem de consciência" de Monteiro Lobato e recontar o texto oralmente.

ATIVIDADE

1 Nessa aula, sua classe irá reescrever o conto "Um homem de consciência" de Monteiro Lobato. Vamos planejar o texto preenchendo o quadro abaixo?

a. Para quem vou escrever?

Onde vai circular?

O que vou reescrever?

O que devo considerar para reescrever o conto?

b. Liste abaixo os acontecimentos do conto "Um homem de consciência" de Monteiro Lobato.

**AULA 8****PRODUÇÃO COLETIVA - REESCRITA DO CONTO “UM HOMEM DE CONSCIÊNCIA” DE MONTEIRO LOBATO – DITADO AO/À PROFESSOR/A.****O QUE VAMOS APRENDER ?**

Nesta aula, vamos ditar o conto “Um homem de consciência” para que o/a professor/a registre-o num cartaz.

ATIVIDADE**1**

Para reescrever essa história, faça uso da lista de acontecimentos construída na aula anterior e consulte a lista de organizadores textuais. E dite a história para o/a professor/a. Deixe seu texto bem escrito e interessante para quem irá ler.

Para saber mais!

A revisão processual é parte e simultânea ao processo de produção do texto: enquanto escrevemos, releemos a parte produzida e a ajustamos; analisamos a adequação em relação ao trecho anterior; revemos os recursos utilizados para estabelecer a coerência e coesão e fazemos adequações se constatamos a necessidade, como, por exemplo, a substituição de palavras.

**ANOTAÇÕES**

AULA 9**VAMOS REVISAR COLETIVAMENTE O TEXTO QUE PRODUZIMOS?****O QUE VAMOS APRENDER ?**

Vamos aprender a revisar coletivamente um texto.

ATIVIDADE**1**

Retome o texto produzido na aula anterior, acompanhe a leitura integral do seu/sua professor/a e, depois, a leitura parágrafo a parágrafo e veja o que pode sugerir para melhorar o texto produzido.

Para saber mais!

A produção oral com destino escrito é uma prática que promove desde o início da escolaridade o contato com a escrita como função social, refletindo sobre os fazeres do escritor. Realizar o ditado para o/a professor/a envolve várias condições para alcançar as expectativas desejadas.

Primeiramente, é necessário garantir a leitura de vários textos do mesmo gênero para que as crianças reflitam sobre a característica do mesmo. Após o gênero ser apresentado, a planificação do texto que vai se escrever faz parte do acordo inicial onde o/a professor/a toma nota dos fatos que levam a história em diante.

Explicitar o propósito e o destinatário do texto é de suma importância para direcionar e incentivar os/as estudantes numa escrita de boa qualidade. Os/as estudantes ficam cientes do quê, para quem e como escrever.

O/a professor/a, em seu papel de escriba, e o/a estudante, com o de autor e ditante, percorrem um caminho de aprendizagem, pois a intervenção do/a professor/a torna possível a resolução de problemas, lembrando que essas resoluções (repetições, concordâncias) devem se fazer por parte da reflexão dos/das próprios/as estudantes, e isso se dá por meio de revisões em que o/a professor/a lê e relê quantas vezes forem necessárias. Levar os/a estudantes a pensar assegura que o texto construído tenha a mesma estrutura do gênero que circula socialmente.

Vale destacar a importância do “ensinar a ditar”, à medida que se exerce essa prática, os/ as estudantes, quando são expostos às intervenções necessárias, vão se apropriando das diferenças entre o dizer e o escrito. Essa situação de expressar por escrito as produções que eles construíram é uma atividade muito rica.

**AULA 10****APRESENTAÇÃO E EXPOSIÇÃO DO CONTO PRODUZIDO COLETIVAMENTE PELA SALA****O QUE VAMOS APRENDER ?**

Nesta aula, vamos expor o conto produzido coletivamente pela sala no local que estabelecemos cumprindo, assim, a situação comunicativa.

ATIVIDADE

1 Escrito num papel pardo/kraft, a turma e seu/sua professor/a irão afixar o conto no local escolhido.

Roda de conversa

2 Discuta oralmente com a turma e depois registre aqui o que achou sobre o trabalho que o/a professor/a realizou com os contos de Monteiro Lobato e também do trabalho com a escrita coletiva. Você gostou de conhecer esse autor? Você gostou de produzir um texto coletivamente? Foi desafiador? Por quê?
